

O todo nas partes

Paulo Nassar

Aberje e Escola de Comunicações e Artes da Universidade de
São Paulo
ORCID 0000-0002-2251-9589

Luiz Alberto de Farias

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
ORCID 0000-0003-3642-4780

Um mundo dividido. Dividido em muitas partes, em inúmeras ideias. Esse pode ser um bom motivo para que as interfaces existam, para que elas permitam conexões, imbricações, encontros. E, a partir dessas experiências, se ritualiza o diálogo, parte fundamental para que novas ideias surjam. Para isso é necessário que se permita ouvir. Em um planeta com crescente crise, com a dificuldade de as pessoas irem além de suas certezas absolutas, é necessário lembrar o filósofo Peter Habermas que nos mostrava que nenhuma parte individual pode ser compreendida sem referência às demais, fazendo de nosso mundo, de compreensão, um círculo em que cada um de nós é elemento conector de ideias, sentimentos e possibilidades.

A crença de cada um – e para nós todas são relevantes e dignas de todo o respeito – deveria sim, ser possibilidade de bem maior: os rituais de encontro e de troca entre as pessoas, sempre levando em consideração a particularidade de cada pensamento e, ao mesmo tempo, a influência que temos uns nos círculos de significação dos demais. Para um mundo em crise climática acelerada, para a humanidade que ainda sofre com deslocamentos forçados por conta de fome, pestes e guerras, para nações que em nome de interesses materiais acionam seus mais brutais dispositivos de belicosidade, apenas o diálogo pode resolver e o sentimento de interfaces, de que temos todos um pouco do outro em nós mesmos.

Nesse apelo de nossa revista para que nos enxerguemos mais uns nos outros, trazemos como primeiro artigo o texto *Derechos humanos en la era de la hiperautomatización: implicaciones jurídicas y éticas para los migrantes digitales*, de Yaritza Pérez-Pacheco que foca em Direitos Humanos a partir do exame do impacto e

dos riscos da hiperautomatização para as pessoas, em especial aquelas que se tornam mais vulneráveis em um ambiente de excesso de digitalização, podendo colocá-las à margem da sociedade. Ainda tendo as pessoas no centro da discussão, o artigo *Entre estórias e dissonâncias: o patrimônio cultural a partir do Museu da Pessoa*, de Luiz Alberto de Farias, Lucas Nibbering Alves da Silva e Giovanna Mendonça Cozzetti, trafega em meio a histórias que concretizam o real a partir das memórias e do imaginário, permitindo olhar para as construções sociais de forma dinâmica e generosa, o que é uma importante possibilidade para os estudos museológicos.

Com o artigo *Mulheres podcasters: entre narrativas feministas e comunidades virtuais*, Aline Hack Moreira discute os *podcasts* como elemento de memorialização de comunidades de mulheres produtoras dessa mídia, colocando em destaque o aspecto da atuação em prol da pauta feminista, com narrativas coletadas a partir de etnografias.

Em consonância com o propósito de nossa revista em promover reflexões que nos aproximem uns dos outros, trazemos como destaque o artigo *Design e ancestralidade postos em questão: considerações sobre o papel social do design no Brasil contemporâneo*, assinado por Gustavo Orlando Fudaba Curcio e Sarah Rocksane Araújo. O artigo propõe uma análise profunda sobre o papel do *design* e a atuação de seus profissionais no Brasil atual, particularmente quando se entrelaçam com saberes ancestrais e tradições dos povos originários.

A publicação traz ainda a resenha *Politicamente correto e identidade em A Marca Humana*, de Philip Roth, produzida por Caio Henrique Trentini Urbano, tratando de uma obra do escritor estadunidense Philip Roth, que aborda identidades e o tema do “politicamente correto”, sempre em uma perspectiva crítica e bem elaborada.

Com esse conjunto de textos a **Revista Interfaces da Comunicação** chega a seu terceiro número, marcado uma vez mais pelo interesse em romper bordas e permitir diálogos permanentes entre os campos e as pessoas. A contemporaneidade precisa de doses permanentes de debate, de busca da memória e da ritualização que permitam compreender a complexidade das áreas que constroem o nosso pensamento e modo de enxergar o mundo. Boa leitura!